

# MULHERES CIENTISTAS NOS MUSEUS

## WOMEN SCIENTISTS IN MUSEUMS

**Camila de Macedo Soares Silveira**  
**UFPEL**  
**Daniel Maurício Viana de Souza**  
**UFPEL**

### Resumo

Este trabalho analisa a representação das mulheres cientistas em museus de ciências, focando na coleção entomológica das Irmãs Figueiredo no Museu de História Natural da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), no Rio Grande do Sul. O objetivo é investigar a presença, atuação e (in)visibilidade das mulheres nas ciências e nos museus, destacando a dinâmica entre esquecimento e memória. Para tal, se realiza uma pesquisa qualitativa sobre a presença feminina nestes dois campos, traçando o desenvolvimento histórico dessas áreas e evidenciando a lógica androcêntrica que permeiam seus processos estruturais. De forma a ilustrar estes fenômenos, se examina o estudo de caso das Irmãs Figueiredo, mulheres cientistas que se dedicaram ao desenvolvimento da coleção entomológica, hoje abrigada no Museu, composta principalmente por exemplares de lepidópteros (borboletas e mariposas). Adquirida por Ignez Lopes de Figueiredo em 1997, a coleção é uma das maiores e mais importantes, mas as informações sobre as cientistas são superficiais. O trabalho argumenta que os museus contemporâneos devem promover debates inclusivos e conectar ciência e sociedade, afastando-se do modelo tradicional de “gabinete de curiosidades”. Como resultado, a pesquisa evidencia como a trajetória das Irmãs Figueiredo ilustra o apagamento sistemático das mulheres cientistas também nas narrativas museológicas, mostrando que, mesmo em coleções de grande valor, suas contribuições são frequentemente tratadas de forma superficial. As dificuldades encontradas na investigação expõem um padrão

### Abstract

*This work analyzes the representation of women scientists in science museums, focusing on the Figueiredo Sisters' entomological collection at the Natural History Museum of the Catholic University of Pelotas (UCPEL), in Rio Grande do Sul. The objective is to investigate the presence, action and (in)visibility of women in science and museums, highlighting the dynamics between oblivion and memory. To this end, qualitative research is carried out on the female presence in these two fields, tracing the historical development of these areas and highlighting the androcentric logic that permeates their structural processes. In order to illustrate these phenomena, the case study of the Figueiredo Sisters, women scientists who dedicated themselves to the development of the entomological collection, now housed in the Museum, composed mainly of specimens of lepidoptera (butterflies and moths), is examined. Acquired by Ignez Lopes de Figueiredo in 1997, the collection is one of the largest and most important, but information about the scientists is superficial. The work argues that contemporary museums must promote inclusive debates and connect science and society, moving away from the traditional “cabinet of curiosities” model. As a result, the research highlights how the trajectory of the Figueiredo Sisters illustrates the systematic erasure of women scientists also in museological narratives, showing that, even in collections of great value, their contributions are often treated superficially. The difficulties encountered in the investigation expose a pattern of invisibilization of women*

de invisibilização das mulheres nas ciências, revelando a necessidade de uma Museologia de Gênero, que possibilite abordagens que transformem os museus em espaços mais inclusivos e representativos, promovendo uma maior compreensão da contribuição das mulheres nas ciências e ampliando o debate sobre a representatividade feminina nas instituições de memória.

### **Palavras-chave:**

Mulheres; ciências; museus; Museu de História Natural; Museologia de gênero.

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo explora a atuação e a representação das mulheres nos museus de ciências, analisando como se deu a inserção feminina nas áreas museológica e científica, historicamente dominadas por homens. Busca compreender os fundamentos que levaram à configuração atual de representatividade. Para isso, destaca o caso das Irmãs Figueiredo, naturalistas autodidatas de Pelotas, Rio Grande do Sul, cuja trajetória no século XX resultou na criação da coleção entomológica que hoje compõe o acervo do Museu de História Natural da Universidade Católica de Pelotas (MUCPEL). A história das Irmãs reflete os desafios do descrédito científico que muitas mulheres enfrentaram em suas contribuições científicas.

Esta pesquisa teve início em 2020 com o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso em Museologia, intitulado “A resistência imposta às mulheres na ciência e sua representação nas instituições museológicas”, defendido em 2021. O trabalho inicialmente visava explorar a história das Irmãs Figueiredo, mas, com as restrições de isolamento da pandemia de COVID-19, a pesquisa de campo foi suspensa e adaptada para um formato digital, que, no entanto, mostrou-se insuficiente para aprofundar as informações desejadas sobre as Irmãs. A investigação foi então continuada no Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, resultando na dissertação intitulada “Os Museus de Ciências e as Mulheres Cientistas: o caso das Irmãs Figueiredo” (2022-2024). Neste trabalho, foi possível

*in science, revealing the need for a Gender Museology, which enables approaches that transform museums into more inclusive and representative spaces, promoting a greater understanding of the contribution of women in science and expanding the debate on female representation in memory institutions.*

### **Keywords:**

*Women; sciences; museums; Natural History Museum; Gender museology.*

aprofundar a análise das relações entre museus, ciências e gênero, considerando o papel dos museus de ciências como ferramentas de inclusão social e divulgação científica. A partir do estudo das Irmãs Figueiredo, se evidenciam as relações sociais e o protagonismo feminino por trás de uma coleção científica de grande relevância.

A escolha do tema surgiu a partir de uma visita técnica ao MUCPEL durante a graduação em Museologia, em que foi observado um grande potencial para explorar as relações entre gênero e ciência na instituição. Embora o tema ainda seja pouco abordado, com uma narrativa expositiva limitada sobre as Irmãs Figueiredo, esta pesquisa busca colaborar com o Museu para enriquecer o acervo interpretativo sobre a vida e obra dessas cientistas autodidatas. Com uma coleção entomológica de mais de cinco mil espécimes catalogados, a investigação propõe a seguinte questão norteadora: como a exclusão social das mulheres impactou o reconhecimento das Irmãs Figueiredo como cientistas e influenciou a musealização de sua coleção?

O objetivo central desta pesquisa é aprofundar a investigação sobre a inserção e atuação das mulheres nas ciências, levando em conta as possíveis implicações da subalternização feminina na tradição científica. Para isso, se averigua teoricamente a presença - e a ausência - das mulheres nas ciências e nos museus, examinando o modo de inserção feminina nesses campos e as configurações atuais; realiza um estudo sobre a representação das mulheres cientistas em museus e centros de ciências;

compila um histórico sobre as Irmãs Figueiredo, abordando suas trajetórias e contribuições enquanto cientistas autodidatas; e assim identificar os fatores que podem ter contribuído para o apagamento de sua relevância científica.

A metodologia adota uma abordagem qualitativa para analisar fenômenos sociais e históricos, oferecendo base para uma análise subsequente. Desta forma, a destacar a importância de dar voz a indivíduos e grupos minoritários, a investigação busca explorar os significados e interpretações dos atores envolvidos. Para isso, o estudo recorre a uma ampla revisão bibliográfica para mapear a produção existente sobre o tema, análise documental de fontes primárias como documentos históricos, periódicos e o próprio acervo do Museu de História Natural da UCPEL, além da exposição da artista Johanna Calle. Complementando, foram realizadas entrevistas com pessoas e instituições relacionadas à trajetória das Irmãs Figueiredo.

Este artigo examina a presença e as contribuições das mulheres nas ciências e nos museus, com um foco especial nas Irmãs Figueiredo, cuja história reflete os desafios enfrentados pelas mulheres nas ciências e em instituições culturais. A análise é dividida em três partes: primeiro, explora a construção histórica e sociocultural das ciências e da museologia, marcadas por perspectivas androcêntricas que limitaram a participação feminina. Em seguida, aborda o caso específico das Irmãs Figueiredo, destacando suas contribuições autodidatas em entomologia e seus desafios e barreiras impostas pela sociedade patriarcal da época. Por fim, se discute o legado das Irmãs no Museu de História Natural da Universidade Católica de Pelotas, enfatizando a importância da coleção para a preservação do conhecimento científico e o papel dos museus na valorização de narrativas femininas.

## **MULHERES NAS CIÊNCIAS E NOS MUSEUS**

O desenvolvimento da ciência moderna tem sido dominado por um viés masculino, androcêntrico, ocidental, branco e elitizado. Desde o Iluminismo, a ciência promete inovações e melhorias sob a pretensão de universalidade, neutralidade e objetividade. No entanto, como argumenta Schiebinger (2008, p. 274), a ciência não é um valor neutro, especialmente quando relacionada a gênero e raça. Silva (2008, p. 5) observa que

a opressão de gênero, originada nos primórdios da civilização, tem seus mecanismos adaptados conforme contextos sociais e históricos.

Durante a Era Moderna, os ideais igualitários da Revolução Francesa não eliminaram a sujeição das mulheres, mas procuraram justificá-la cientificamente, uma vez que a desigualdade de gênero era crucial tanto para a organização patriarcal quanto para a estrutura econômica capitalista (Silva, 2008, p. 5). Cientistas da época buscavam provar diferenças biológicas entre homens e mulheres para legitimar o sexismo e as desigualdades. Andrade (2011, p. 64) ressalta que esses cientistas tentavam explicar diferenças cognitivas e comportamentais baseadas em neurotransmissores, estruturas cerebrais e genes, resultando em um modelo reducionista de determinismo biológico.

Médicos e psiquiatras darwinistas afirmavam que mulheres não deveriam ser tratadas socialmente como homens, visto que eram “uma variedade humana especializada na reprodução” (Sedeño, 2001 *apud* Silva, 2008, p. 136). Mulheres eram vistas como intuitivas e emotivas, enquanto homens controlavam as emoções pelo intelecto racional (Sedeño, 2001). Psiquiatras da época consideravam as reivindicações femininas por direitos e trabalho remunerado como patologias a serem tratadas. Estas suposições criaram e fortaleceram o estereótipo de que as mulheres teriam uma tendência a histeria e a serem desequilibradas psicologicamente e mentalmente, perpetuado até os dias atuais (Silva, 2008, p. 5).

Os papéis das mulheres e homens eram definidos por uma lógica binária semelhante à aplicada às características fundamentais da ciência moderna, se baseando em pares opostos como sujeito e objeto, mente e corpo, razão e emoção, objetividade e subjetividade, luz e sombra, cultura e natureza. Homens eram vistos como fortes e racionais, associados a conceitos como sujeito, mente, razão, objetividade, luz e natureza. Já as mulheres, consideradas emocionais e intuitivas, eram vinculadas a conceitos como objeto, corpo, emoção, subjetividade, sombra e cultura (Sardenberg, 2002, p. 95). A relação de gênero na ciência é, também, uma hierarquia de poder, onde o “homem racional” centraliza a ciência moderna, estabelecendo a mente (masculino) como

controladora da natureza (feminino) (Scott, 1988). Lloyd (1996, p. 41) afirma que o conhecimento racional transcende e domina as forças naturais, associadas ao feminino.

Somente entre os séculos XIX e XX que as mulheres começaram a ter acesso ao ensino superior, ainda que enfrentando inúmeras barreiras. Os Estados Unidos permitiram o ingresso feminino em 1834, criando universidades exclusivas para mulheres, conhecidas como *Women's College*. Na Europa, o processo foi mais tardio, após a Segunda Guerra Mundial, com alguns países como Suíça, Espanha, França, Grã-Bretanha e Alemanha permitindo a entrada feminina entre o final do século XIX e início do século XX. Sedeño (2011, p. 219) destaca que “o acesso à educação formal possibilitou a entrada das mulheres em áreas até então proibidas. Os primeiros foram muitas vezes esquecidos, privando-nos de modelos de referência tão necessários quanto úteis”.

No Brasil, as mulheres só obtiveram acesso às escolas em 1827, seguindo um modelo educacional específico que reforçava a desigualdade de gênero e mantinha a cidadania feminina em uma posição subalterna, conforme a Lei de 15 de outubro de 1827 (Brasil, 1827). Blay e Conceição (1991) elucidam que, em 1879, o imperador Dom Pedro II autorizou a entrada de mulheres nas universidades brasileiras após perceber que Maria Augusta Generoso Estrela, que havia recebido uma bolsa para estudar Medicina em Nova Iorque em 1876, não poderia exercer a profissão ao voltar ao Brasil. Em 1887, Rita Lobato Velho Lopes, natural de Rio Grande, Rio Grande do Sul, tornou-se a primeira mulher a se formar no Brasil, pela Faculdade de Medicina da Bahia. Vale destacar que as primeiras mulheres a frequentar e se formar em universidades, tanto no Brasil, quanto no exterior, eram brancas e de famílias abastadas, enfrentando ainda assim barreiras e discriminações por serem mulheres. A primeira mulher negra a se formar no Brasil, Maria Rita de Andrade, obteve seu título de bacharel em 1926 (Cavalcanti, 2023).

Os desafios enfrentados pelas mulheres na inserção universitária também se refletem na produção científica e no mercado de trabalho. Margaret Rossiter, em *Women Scientists in America: Struggles and Strategies to 1940*

(1982), aborda as discriminações sofridas pelas mulheres na ciência, especialmente na divisão sexual do trabalho. As mulheres eram frequentemente designadas para tarefas consideradas “femininas”, que eram repetitivas, mal pagas e exigiam atenção e cuidado, o que as afastava dos postos de decisão e das possibilidades de ascensão na carreira. Além disso, devido ao casamento e filhos, as mulheres tendiam a progredir mais lentamente em suas carreiras, enfrentando uma dupla jornada de trabalho. Como resultado, “quanto mais se sobe na carreira científica, menor é o número de mulheres” (Costa, 2008, p. 290), evidenciando seu “desaparecimento” nos níveis mais altos da ciência.

No âmbito dos museus, a transição dos Gabinetes de Curiosidades para as instituições modernas começou nos séculos XVI e XVII, quando exploradores europeus traziam objetos exóticos de suas expedições. Esses itens, colecionados pela elite, simbolizavam poder e status. No século XVIII, o Humanismo e os ideais iluministas transformaram esses gabinetes em museus especializados, voltados para o conhecimento científico e educativo. Museus como o Ashmolean, fundado em 1683, e o Museu Britânico, em 1759, marcaram o início dos museus modernos (Soto, 2014). Embora sob a roupagem de museus públicos, estes inicialmente atendiam apenas cientistas e intelectuais da elite, com horários reservados para outros grupos, como mulheres de classe alta e a classe trabalhadora (Soares, 2019, p. 10).

Os museus dos séculos XVIII e XIX não atendem mais às necessidades atuais, exigindo uma nova forma de musealização. No final do século XIX, iniciou-se uma transformação para tornar os museus mais acessíveis e educativos, culminando na criação da UNESCO em 1945 e do ICOM em 1946, após a Segunda Guerra Mundial. A UNESCO visa contribuir para a construção de uma cultura de paz, erradicação da pobreza, desenvolvimento sustentável e diálogo intercultural, enquanto o ICOM promove a cooperação internacional entre museus e seus profissionais.

Em 1972, a Carta de Santiago do Chile estabeleceu novos princípios para os museus na América Latina, enfatizando seu papel

social. Nesse mesmo ano, a UNESCO realizou a Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, criando uma lista de locais de importância cultural e natural. Em 1984, a Declaração de Quebec continuou refletindo sobre esses princípios, e em 1986 o ICOM criou o Código de Ética para Museus. A Declaração de Caracas de 1992 aprofundou a reflexão coletiva iniciada em Santiago.

A Nova Museologia, como crítica à prática museológica tradicional, propõe uma museologia mais engajada com problemas sociais, defendendo a ação do museu junto ao território. Seu objetivo principal é o desenvolvimento comunitário e a promoção de postos de trabalho pela revitalização artesanal, agrícola e industrial (Moutinho, 1995). O MINON, originado na Conferência Internacional do ICOM em 1971 e na Mesa-Redonda de Santiago do Chile em 1972, enfatiza a importância de descolonizar a museologia, refletindo sobre o papel dos museus latino-americanos nas transformações sociais (Tolentino, 2016).

A partir da década de 1990, surgiram a Sociomuseologia e a Museologia Social. A Sociomuseologia aborda questões da museologia social e da atuação dos museus em geral, enquanto a Museologia Social desloca o foco do objeto para o ser humano, considerando-o como sujeito produtor de suas referências culturais (Tolentino, 2016). Guarnieri (2010) reforça que os museus devem existir para as pessoas e define a Museologia como a ciência das relações entre o museu e a sociedade.

A Museologia de Gênero emergiu nos anos 1990 como resultado da convergência de estudos museológicos e de gênero, impulsionados pelos movimentos feministas e pela Nova Museologia (Vaquinhas, 2014). Este campo busca resgatar a memória e os patrimônios femininos, valorizar expressões culturais e artísticas femininas e reconhecer a contribuição das mulheres na organização de coleções e práticas museológicas (Vaquinhas, 2014). Rechená (2011) destaca que a busca por uma sociedade mais justa e igualitária é um ato de justiça, e a Museologia de Gênero luta contra estereótipos e invisibilizações de realizações femininas (Vaquinhas, 2014).

## O CASO DAS IRMÃS FIGUEIREDO

As Irmãs Figueiredo viveram ao longo do século XX na cidade de Pelotas no Rio Grande do Sul, eram filhas do português Augusto Lopes de Figueiredo e de Idalina Morales de Figueiredo, natural do estado do Rio Grande do Sul. Augusto e Idalina tiveram sete filhas e um filho, todos nascidos na cidade de Pelotas: Maria Augusta (falecida ainda criança), Joaquim, Augusta, Thereza, Idalina, Rosa, Maria e Ignez Lopes de Figueiredo. Augusto era proprietário da Fábrica Figueiredo, especializada na produção de sabão, sabonete, vela, graxa e derivados, localizado na Rua Quinze de Novembro nº 955, ao lado da residência da família Figueiredo. Toda a produção era direcionada dentro do estado, evidenciando a importância local da fábrica para a economia da cidade.

Mesmo a família pertencendo à elite pelotense, entre os filhos, das seis mulheres apenas o filho homem, Joaquim, fora incentivado a estudar ainda jovem fora do estado, realizando seu ensino superior. Augusto também era rígido quanto aos relacionamentos das filhas, o que resultou na ausência de descendentes diretos na cidade. A criação e o estilo de vida da época refletem uma sociedade patriarcal cada vez mais dominante ao longo do século XX, impactando profundamente as vidas das Irmãs Figueiredo e influenciando seus cotidianos, não apenas na esfera científica, mas em diversos aspectos de suas existências.

Apesar da rigidez do pai, as filhas receberam educação formal enquanto jovens e posteriormente se dedicaram de maneira autodidata. Entre as irmãs, Thereza, Rosa e Ignez Lopes de Figueiredo se especializaram no estudo da Entomologia, campo da Zoologia que estuda os insetos. Elas mantinham em sua casa uma vasta biblioteca sobre fauna e flora, intitulada por elas de “Biblioteca de Entomologia, Fauna e Flora”, e contribuía também com a pesquisa científica e ajudavam estudantes e pesquisadores a desenvolver suas pesquisas e teses. Além disso, algumas das irmãs davam aulas particulares sobre todos os temas para alunos de todas as idades. Eram sócias do Instituto Geobiológico La Salle de Canoas, RS e da Sociedade Brasileira de Entomologia (SBE), assinando, ainda, a Revista Brasileira de Entomologia (RBE).

Conforme relatado por Jocasta Soares dos Santos e Janaína Soares dos Santos, filhas da cuidadora das últimas três irmãs a viverem, Rosa, Maria e Ignez, elas capturavam insetos nas áreas rurais e, em casa, montavam caixas entomológicas e catalogavam espécimes de várias regiões do país. Mantinham, ainda, correspondência com entomólogos de diversos países e continentes, trocando espécimes de borboletas e mariposas exóticas e endêmicas. Elas produziam cadernos e álbuns com recortes, colagens e anotações científicas.

Contribuíam para a Escola Louis Braille de Pelotas, onde traduziam e escreviam livros e materiais em braille sobre diversos temas. Além disso, a família era devota ao catolicismo e mantinha uma relação estreita com instituições de caridade, como o Asilo de Mendigos de Pelotas, localizado ao lado da Fábrica Figueiredo e sua residência, com uma passagem direta entre os terrenos. As irmãs eram próximas de freiras e padres, que faziam parte de sua rotina e estavam presentes em batizados, internações, sepultamentos e missas da família.

Augusto faleceu em 1945, deixando um grande patrimônio imobiliário de mais de 30 imóveis, cujo testamento proibia a venda, garantindo renda passiva às filhas, porém as impedindo de gerenciar seus bens. Após o falecimento do pai, as Irmãs Figueiredo, incluindo Thereza, Rosa e Ignez, permaneceram fiéis aos valores e costumes com os quais foram criadas, demonstrando pouco interesse em iniciar relacionamentos amorosos. Elas se dedicaram inteiramente aos estudos e à pesquisa, mantendo o foco em suas atividades científicas e intelectuais. Rosa Lopes de Figueiredo, se encarregava da parte química que envolvia as atividades de montagens das caixas entomológicas e veio a falecer por um câncer de pulmão, provavelmente desenvolvido devido à exposição aos materiais tóxicos usados. Após a morte de todas as irmãs, Ignez decidiu vender a coleção entomológica resultante de mais de 60 anos de seu trabalho e de suas irmãs para a Universidade Católica de Pelotas.

Em matéria ao jornal Diário Popular da cidade de Pelotas, Ignez (Figura 1) afirma que sentia tristeza em se desfazer da coleção, mas que também sentia alívio por saber que seria preservada, aos cuidados dos professores da



Figura 1 - Ignez Lopes de Figueiredo.  
Fonte: Jornal Diário Popular, 24 de dezembro de 1997.

UCPEL e para formar o futuro Museu de História Natural da Universidade. As Irmãs Figueiredo, além de terem produzido a coleção entomológica vendida para a UCPEL, composta por mais de 7.000 espécimes de insetos, também formaram uma notável biblioteca, com cerca de 200 livros científicos e outros objetos. Essa coleção incluía álbuns de recortes feitos à mão e escritos em diversos idiomas. Entre os achados singulares dessa biblioteca, destacavam-se obras como o livro "Quadro Elementar da História Natural dos Animais", de Mr. Cuvier, publicado em Londres em 1815, e o "*Flora Brasiliensis*", editado em 1833, que continha registros de quatro naturalistas alemães que exploraram o interior do Brasil por volta de 1830.

A coleção da biblioteca ficou de herança para a cuidadora, contratada em 1994, Tamara Lima Soares, que desenvolveu uma conexão especial com as irmãs que cuidou, principalmente Ignez, com a qual conviveu por mais tempo. Ignez, a

última das irmãs a falecer, trouxe Tamara para morar com ela após perder as irmãs, a fim de facilitar seus cuidados. Junto com Tamara, vieram seus filhos, incluindo Jocasta e Janaína, para a casa ao lado, também pertencente à família Figueiredo.

Além de cultivarem uma profunda curiosidade científica, as Irmãs Figueiredo eram fluentes em diferentes idiomas, como o francês, e cada uma desenvolveu habilidades em ofícios distintos, como bordado, costura, pintura, colagem e tecelagem. Segundo relatos de Jocasta e Janaína, Maria Lopes de Figueiredo e Idalina Lopes de Figueiredo, que não se dedicaram à entomologia, se destacavam na produção de bordados e crochês. Idalina, por sua vez, também criava colagens inspiradas no escritor João Simões Lopes Neto, admirado pela família, e parte de sua coleção se encontra atualmente preservada no acervo do Instituto João Simões Lopes Neto (IJSLN).

## **O MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL E A COLEÇÃO ENTOMOLÓGICA**

O Museu de História Natural da Universidade Católica de Pelotas foi criado em 1997 por iniciativa do Conselho Universitário, sob a coordenação dos cursos de Ecologia e Biologia da instituição. Nesse mesmo ano, meses antes de sua inauguração, foi adquirida a coleção entomológica com mais de cinco mil espécimes para integrar o acervo do futuro Museu. Essa coleção, que abrange a área da Entomologia, é fruto do trabalho de pesquisa e catalogação realizado por Thereza, Rosa e Ignez Lopes de Figueiredo. Além dos espécimes, a coleção inclui um armário entomológico, exemplares em papel, revistas, livros, materiais de montagem entomológica, e diversos outros objetos.

Em 2001, o Museu de História Natural foi incorporado à Escola de Educação, após aprovação do Conselho Universitário. Com o tempo, enfrentando diversas adversidades e questões burocráticas, os cursos de Ecologia e Biologia foram extintos, e o Museu passou a ser administrado pelo setor de Comunicação, dentro da estrutura geral da Universidade. Atualmente, o Museu é gerido por um museólogo contratado, que assegura o desenvolvimento das atividades e mantém o espaço em funcionamento. Em 2023, o Museu foi transferido do Campus da Universidade

para o Instituto de Menores Dom Antônio Zattera (IMDAZ), instituição afiliada à Arquidiocese de Pelotas, também idealizadora da UCPEL.

Nos dias de hoje, o Instituto se dedica ao serviço de convivência e fortalecimento de vínculos, oferecendo uma variedade de atividades para crianças e adolescentes entre 4 e 17 anos, principalmente em situação de vulnerabilidade social. Entre as oficinas disponíveis estão música, dança, tae-kwon-do, formação cristã, educação física, reforço escolar, recreação e lazer. Além disso, o Instituto fornece refeições, acompanhamento nutricional e odontológico, bem como cursos de capacitação e geração de renda para os pais e familiares dos atendidos. A mudança do Museu para o Instituto se justifica pela perda de funcionalidades no Campus da UCPEL, devido ao encerramento dos cursos de Ecologia e Ciências Biológicas. Agora, ao integrar a exposição e o laboratório de ciências do Instituto, o MUCPEL consegue cumprir de forma mais efetiva seu papel como Museu, contribuindo significativamente para o público atendido pela instituição, recebendo ainda também agendamentos de público externo.

O caráter didático do Museu, evidenciado por exemplares da fauna regional, é um destaque em sua expografia, atraindo estudantes e grupos escolares e incentivando o interesse pela educação ambiental e divulgação científica. Seu acervo científico é acessível a pesquisadores e alunos, que podem consultar e analisar os materiais para o desenvolvimento de pesquisas e estudos. A maior parte do acervo foi obtida através de doações, incluindo contribuições de viveiros e colecionadores particulares. Alguns animais vertebrados silvestres foram doados pela Patrulha Ambiental da Brigada Militar (PATRAM), após serem recolhidos em rodovias, e posteriormente taxidermizados no antigo laboratório do Museu. Atualmente, o Museu não realiza mais taxidermia devido à falta de biólogos e técnicos especializados, consequência da extinção dos cursos relacionados. Algumas coleções, como a coleção entomológica (Figura 2) de Ignez Lopes de Figueiredo, foram adquiridas por compra.

Em 2017, Marcio Dillmann de Carvalho, museólogo do Museu na época, ao pesquisar a história das autoras da coleção entomológica, descobriu uma exposição intitulada *El caso de las Hermanas*



Figura 2 - Caixa entomológica no armário entomológico do acervo do Museu de História Natural da Universidade Católica de Pelotas.  
Fonte: Fotografia da autora, 2019.



Figura 3 - Exposição El caso de las Hermanas Figueiredo: Dibujos de Johanna Calle.  
Fonte: Proyecto Paralelo.

Figueiredo: Dibujos de Johanna Calle, da artista plástica colombiana Johanna Calle. Ao entrar em contato com a artista, ele soube que, durante uma visita ao Brasil em 2009, ela encontrou documentos raros sobre as irmãs em um sebo de Porto Alegre. Entre manuscritos sobre insetos e fotografias, estavam documentos de um processo legal em que as irmãs acusavam um professor da Escola de Agronomia Eliseu Maciel de usar indevidamente suas pesquisas.

Os documentos indicam que a denúncia foi encaminhada à escola e investigada, no qual o professor se defendeu alegando que “quanto à co-participação das irmãs Figueiredo foi de simples auxiliar. Não se deve confundir mania de colecionar com conhecimentos para produzir trabalhos científicos”.<sup>1</sup> Ignez, por sua vez, “revela ter esta e suas irmãs suspenso a publicação desse trabalho em 1943, por não ter querido o Dr. Biezanko considerado-as co-autoras”.<sup>2</sup> A exposição de Johanna Calle, realizada em 2013 e 2014, explora a injustiça social e as opressões da sociedade patriarcal, evidenciando como as Irmãs Figueiredo foram injustamente rotuladas como “maníacas” (Figura 3) por um professor que desconsiderou suas valiosas contribuições científicas. A mostra também incluiu itens como anotações sobre insetos e um rascunho de carta dirigido às autoridades acadêmicas, solicitando a investigação do caso.

Calle usa a palavra “*manía*” para criticar a desvalorização das realizações científicas das mulheres, prestando homenagem às Irmãs Figueiredo e a outras mulheres que enfrentaram desmerecimento semelhante. O material apresentado na exposição, assim como a “Biblioteca de Entomologia, Fauna e Flora” das irmãs, não faz parte do acervo do MUCPEL. Apesar da importância científica e didática dos espécimes da coleção, a história das Irmãs Figueiredo não é abordada ou exposta no Museu.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar a representação e atuação feminina nas ciências e nos museus revela o papel essencial, mas frequentemente invisibilizado, das mulheres na construção e disseminação do conhecimento científico. O caso das Irmãs Figueiredo, naturalistas autodidatas de Pelotas, exemplifica as barreiras enfrentadas no campo das ciências, bem como as formas de resistência e perseverança que marcaram suas trajetórias.

As Irmãs Figueiredo dedicaram suas vidas e recursos financeiros às suas pesquisas e coleções, de valor inestimável, parte das quais hoje está disponível no Museu de História Natural da Universidade Católica de Pelotas. Esses materiais são apreciados por visitantes e utilizados por pesquisadores, comprovando a excelência científica que elas alcançaram. Foram criadas sob a opressão do pai em uma época e vivência



diferente dos dias atuais e desencorajadas a buscar reconhecimento acadêmico. Mesmo sem ingressar na academia, enfrentaram o machismo estrutural ao atuarem em um meio majoritariamente masculino, sendo injustamente acusadas de serem "maníacas" e de não serem capazes de produzir ciência verdadeira.

A relação entre esquecimento e memória emerge como um aspecto central desta pesquisa. A ausência de reconhecimento institucional e acadêmico, somada à omissão de suas contribuições em registros históricos e museológicos, é ainda um reflexo de práticas que privilegiam as trajetórias masculinas e reforçam uma visão androcêntrica das ciências. O caso das Irmãs Figueiredo ilustra essa tensão, mostrando como, apesar da relevância de suas descobertas e da dedicação intensa ao estudo da entomologia, seu legado quase se perdeu devido à falta de reconhecimento adequado. Essa pesquisa evidencia a importância de confrontar casos como este, mostrando a necessidade de ações interventivas, onde o papel das mulheres é preservado e valorizado.

Assim, destaca-se a importância de criar espaços de memória que valorizem as trajetórias femininas e desafiem as dinâmicas de poder estabelecidas. Ao assumir uma posição crítica diante das narrativas estabelecidas, essas instituições contribuem para reescrever a história de maneira inclusiva, assegurando que o legado feminino seja perpetuado e respeitado. Os museus de ciências, ao incorporar uma perspectiva de gênero em suas exposições, podem desempenhar um papel vital na promoção de diálogos e reflexões sobre a interseção entre ciências e sociedade, contribuindo para a desconstrução de estereótipos e preconceitos. Incluir mulheres nas narrativas museológicas vai além de uma questão de equiparação histórica; é uma forma de enriquecer o conhecimento científico e cultural, revelando a diversidade de experiências e perspectivas que moldaram o desenvolvimento de diversas áreas das ciências.

A pesquisa sublinha a necessidade contínua de explorar e valorizar as contribuições das mulheres nas ciências e nos museus. O caso das Irmãs Figueiredo é apenas um exemplo entre muitas histórias que ainda precisam ser contadas e reconhecidas. Ao trazer essas narrativas à tona,

contribui-se para a construção de uma memória coletiva mais inclusiva e representativa, onde as mulheres têm o destaque que merecem. Desta forma, é essencial que as instituições museológicas e científicas assumam a responsabilidade de promover uma história que celebre as conquistas das mulheres e inspire futuras gerações a seguir seus passos.

## NOTAS

1. Citação retirada de documento referente ao processo administrativo da Escola de Agronomia Eliseu Maciel, Portaria nº 2, de 19 de junho de 1947, que nomeia comissão para análise da denúncia.
2. Citação retirada de documento referente ao processo administrativo da Escola de Agronomia Eliseu Maciel, Portaria nº 2, de 19 de junho de 1947, que nomeia comissão para análise da denúncia.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Francisco Leal de Andrade. **Determinismo biológico e questões de gênero no contexto do Ensino de Biologia:** representações e práticas de docentes do Ensino Médio. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <<https://ppgfhc.ufba.br/pt-br/determinismo-biologico-e-questoes-de-genero-no-contexto-do-ensino-de-biologia-representacoes-e>>. Acesso em: 21 jul. 2024.
- BLAY, Eva Alterman; CONCEIÇÃO, Rosana R. da. A mulher como tema nas disciplinas da USP. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.76, p. 50-56, fev.1991. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/1054/1062>>. Acesso em: 5 jul. 2023.
- BRASIL. **Lei de 15 de outubro de 1827.** Manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. Rio de Janeiro, 1827. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/LIM..-15-10-1827.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM..-15-10-1827.htm)>. Acesso em: 5 jul. 2023.
- CAVALCANTI, Rosângela Wojdela. **Por entre labirintos:** as barreiras e os desafios vivenciados pelas estudantes assistidas pelo programa de

assistência estudantil dos cursos de engenharia da Universidade Tecnológica Federal Do Paraná - Campus Curitiba. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade), Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/31109>>. Acesso em: 21 jul. 2024.

COSTA, Maria Conceição da. Divulgando a visibilidade das mulheres na ciência. **Revista História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, v. 15, p. 289-293, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/N767RMhdzjSWdDnNCgMRg9J/>>. Acesso em: 21 jul. 2024.

LLOYD, Genevieve. Reason, science and the domination of matter. *In*: KELLER, Evelyn Fox; LONGINO, Helen. **Feminism & science**. Oxford: Oxford Univ. Press, 1996.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. **Textos e contextos de uma trajetória profissional**. Organização de Maria Cristina Bruno. Volume 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado / Secretaria de Estado de Cultura / Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010.

MOUTINHO, Mário Canova. A Declaração de Quebec de 1984. *In*: ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). **A memória do pensamento museológico contemporâneo**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Icom, 1995.

RECHENA, Aida. Teoria das representações sociais: uma ferramenta para a análise de exposições museológicas. **Cadernos de Sociomuseologia**, n. 41, 2011. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/2651>>. Acesso em: 21 jul. 2024.

ROSSITER, Margaret W. **Women scientists in America: Struggles and strategies to 1940**. JHU Press, 1982.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Da crítica feminista à Ciência a uma Ciência Feminista? *In*: COSTA, Ana Alice e SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. (Org.) **Feminismo, Ciência e Tecnologia**. Salvador, Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR), Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM), Universidade Federal da Bahia, v. 8, Coleção Bahianas, 2002.

SEDEÑO, Eulália Pérez. La deseabilidad epistêmica de la equidad em ciência. *In*: RUIZ, Viky Frias (Org.). **Las mujeres ante la ciencia del siglo XXI**. Instituto de Investigaciones Feministas, Universidad Complutense de Madrid. Espana: Complutense, 2001.

SCHIEBINGER, Londa. Mais mulheres na ciência: questões de conhecimento. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, v. 15, p. 269-281, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/LZcRqYbsQR4cxYkgfCGyjyr/>>. Acesso em: 21 jul. 2024.

SCOTT, Joan Wallach. **Gender and the politics of history**. New York: Columbia University Press, 1988.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. A (in) visibilidade das mulheres no campo científico. **Travessias**, v. 2, n. 2, p. 1-20, 2008. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3026>>. Acesso em: 21 jul. 2024.

SOARES, Bruno César Brulon. Museus, mulheres e gênero. **Cadernos Pagu**, n. 55, p. e195515-e195515, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8656393>>. Acesso em: 21 jul. 2024.

SOTO, Moana. Dos gabinetes de curiosidade aos museus comunitários: a construção de uma concepção museal à serviço da transformação social. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 48, n. 4, 2014. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/4987>>. Acesso em: 21 jul. 2024.

TOLENTINO, Átila Bezerra. Museologia social: apontamentos históricos e conceituais. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 52, n. 8, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/5499>>. Acesso em: 21 jul. 2024.

VAQUINHAS, Irene. Museus das mulheres na actualidade: Criação, objectivos e o contributo da história. **RITUR-Revista iberoamericana de turismo**, v. 5, p. 5-26, 2015. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/2006>>. Acesso em: 21 jul. 2024.

## **SOBRE OS AUTORES**

*Camila de Macedo Soares Silveira* é Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, pesquisa financiada pela CAPES (2022-2024). Graduada em Museologia (Bacharelado) pela Universidade Federal de Pelotas - UFPEL (2021).

E-mail: msscamilahotmail.com

*Daniel Maurício Viana de Souza* é Doutor em Sociologia pelo Programa de PPGS da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, com período sanduíche no Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa (2016). Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de PPGCI - IBICT/UFF (2007). Graduado em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO (2004).

E-mail: danielmvsouza@gmail.com

Recebido em: 30/08/2024

Aprovado em: 06/11/2024